

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aluno: Lennen Soares de Souza

Orientadora: Joice Saturnino

Belo Horizonte, 03 de Julho de 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para habilitação em Pintura, ao Colegiado do curso de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos créditos avaliativos.

Formando: Lennen Soares de Souza

Orientadora: Joice Saturnino

Belo Horizonte, 03 de Julho de 2023

Introdução

Este trabalho consiste em um registro do que vivenciei durante a habilitação de pintura no curso de Artes Visuais, dentro da Escola de Belas Artes. Foi um percurso repleto de desafios, aprendizados e descobertas que narrarei por meio deste semestário. O texto foi alimentado por uma série de textos escritos por mim ao longo de cada semestre que percorri, ajudando-me a lembrar e contar um pouco dessa história que apresentarei no formato de diário.

Semestário

Inicialmente, eu elaborava minhas produções artísticas com poucos critérios. Coletava imagens de referência na internet e selecionava-as com base nos desafios técnicos que elas me proporcionavam. Minhas intenções eram sempre aperfeiçoar minhas técnicas, em que cada trabalho subsequente precisava superar o anterior. Eu buscava paisagens da região onde moro, fotos de parentes e objetos que tivessem alguma afinidade comigo, com maior foco nas paisagens. Não me preocupava com conceitos, com uma linha de pensamento nem em manter uma sequência de trabalhos que conversassem entre si. Eu não tinha motivos e intenções constantes sobre o que estava pintando, o que resultava em uma aleatoriedade de produções impulsivas que surgiam sem planejamento, preocupando-me apenas se conseguiria ou não executar bem as técnicas pictóricas.

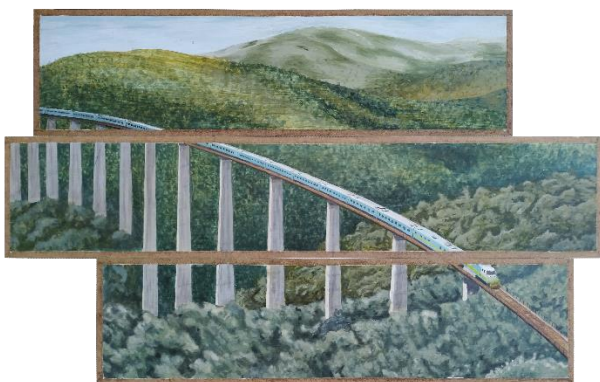


Figura 1 - Têmpera vinílica sobre suporte rígido – 35,5 cm x 58 cm – 2019/1^o

Na disciplina de Pintura Projeto, as coisas começaram a mudar, não por vontade própria, mas por necessidade da dinâmica da disciplina, que consistia em elaborar livremente um projeto

de pintura e, a partir dele, desenvolver meus trabalhos.

Meu primeiro projeto teve início a partir de uma indecisão: o que pintar? Diante de todas as possibilidades, decidi focar em pintar paisagens. Sempre gostei de observar a natureza e as construções; achava tudo isso um combustível infinito para minhas pinturas. Em cada canto, prédio, casa, árvore e jardim, encontrava um cenário digno de ser pintado. Surgiu, então, outra dúvida: o que buscar na paisagem? Eu precisava de um motivo, uma direção, um conceito para transformar essas paisagens em uma série de trabalhos. Defini então alguns critérios: usaria suporte rígido e tinta acrílica, e mantive a ideia de pintar paisagens de locais onde vivia, que eu conhecia bem e frequentava regularmente.

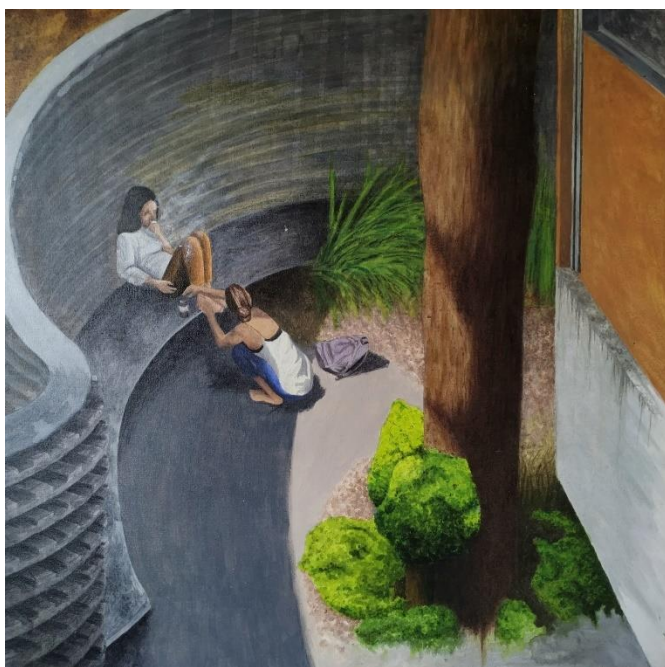


Figura 2 - Acrílica sobre suporte rígido - 55 cm x 55 cm - 2019/2º

Em meio ao prédio da Escola de Belas Artes, encontrei-me observando alguns pontos estruturais e arquitetônicos. Foi em um jardim que ficou explícita a quantidade massiva de informações e a variedade de possibilidades de paisagens que existiam ali, em uma única cena, em um pequeno vaso de plantas. A dificuldade de apreciar uma paisagem em seus mínimos detalhes nos faz deixar escapar diversos pontos interessantes. Cada recorte, cada foco dado em um detalhe faz surgir uma nova paisagem, revelando coisas que antes não eram vistas ou não despertavam

interesse ao nosso olhar devido à quantidade massiva de informações. Por exemplo, em uma floresta onde existem milhares de árvores, cada uma delas com centenas de folhas, essas folhas contêm milhares de microrganismos, e tudo é constituído por células, moléculas e átomos. Podemos concluir que toda paisagem é um aglomerado de átomos que se organiza de formas diferentes, fazendo com que tudo que existe no universo seja uma paisagem. A partir dessa reflexão, a busca pelo conceito de paisagem deixa de ser importante, pois as paisagens estão por toda parte. Tudo é paisagem. As belezas ocultas nos pequenos detalhes ainda me chamam a atenção; pintar paisagens não convencionais, coisas que normalmente não nos chamariam a atenção. Buscar o foco em uma cena e destrinchar seus mínimos detalhes passa a ser o caminho que pretendo seguir com meu projeto, representando do macro ao micro e buscando a natureza e o que há de não natural.



Figura 3 - Acrílica sobre suporte rígido – 30 cm x 27 cm – 2019/2º

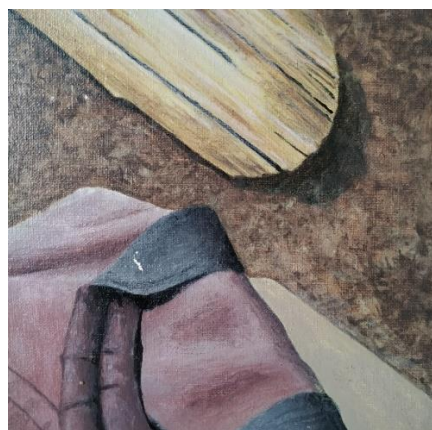


Figura 4 – Acrílica sobre suporte rígido - 12,5 cm x 12,05 cm – 2019/2º

Abordando questões mais técnicas, retomando o momento em que me encontrei no jardim da Escola de Belas Artes, decidi fazer algumas fotografias lá, buscando curvas, pessoas, plantas e construções como minhas referências. Essas seriam as bases para minha série de telas, compostas por três tamanhos diferentes. A primeira tela teria uma proporção maior, retratando a cena completa que fotografei, proporcionando uma visão ampla que capturasse todas as informações presentes. As telas menores seriam fragmentos da imagem original, destacando pontos de interesse, ampliando-os e criando cortes e enfoques menores em cada tela. Meu objetivo era manter a

naturalidade da cena, reproduzindo na pintura o que via na fotografia, mantendo as cores e formas fiéis à referência na medida do possível.

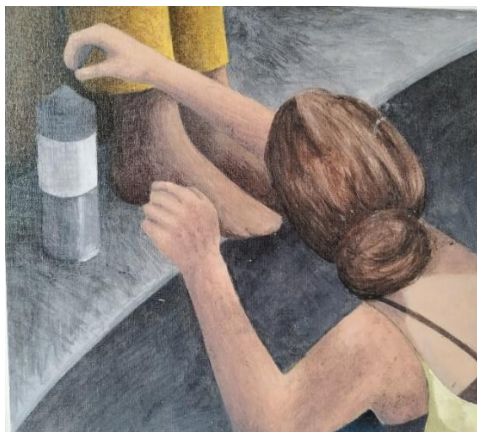


Figura 5 - Acrílico sobre suporte rígido - 27 cm x 30 cm - 2019/2º



Figura 6 - Acrílico sobre suporte rígido - 12,5 cm x 12,5 cm - 2019/2º

Pensando nas críticas em relação a esse trabalho, o resultado dessa série não me agradou totalmente, principalmente devido ao excesso de tons de cinza e preto utilizados para escurecer algumas áreas. Não consegui explorar a tinta acrílica da melhor forma possível nem obter as cores exatas desejadas. As cores eram misturadas antes de serem aplicadas na tela, e ao diluir a tinta em excesso, consegui sobrepor manchas de cores, criando uma espécie de transparência, como na técnica de pontilhismo que utilizei em algumas plantas, com camadas sobrepostas de cores. No entanto, o efeito colateral de utilizar a tinta diluída é que ela demorava mais para secar, o que ia contra a característica de secagem rápida que me agradava na tinta acrílica. Somando isso às minhas dificuldades em obter as cores desejadas, minha satisfação em utilizá-las começou a diminuir, levando-me a questionar se a tinta acrílica era a melhor opção para mim.



Figura 7 - Acrílico sobre suporte rígido - 25 cm x 30 cm 2019/2º



Figura 8 - Acrílico sobre suporte rígido – 12,5 cm x 12,5 cm - 2019/2º

Durante o recesso escolar, resultado do surto de Covid-19, encontrei-me isolado em casa por meses, vivendo uma rotina monótona e tendo contato apenas com minha família e alguns desconhecidos que ocasionalmente batiam à minha porta. Consequências do isolamento social começaram a se manifestar em mim: atividades repetitivas, a rotina de dormir e acordar, a falta de perspectiva para o fim daquela situação, tudo isso sugava minha vitalidade. Gradualmente, perdi hábitos e costumes, incluindo o de pintar. Fiquei um longo período sem pegar um pincel, sem exercitar a criação de imagens com tinta. Faltava-me a motivação e o propósito para criar qualquer tipo de imagem. Naquele momento, era essencial que eu me resguardasse, tomasse todas as precauções possíveis e impossíveis. Eu fazia parte do grupo de risco, com uma inflamação crônica no intestino e fazia uso de medicamentos imunossupressores que reduziam minha imunidade. Não podia haver a menor possibilidade de contrair aquele vírus sobre o qual pouco se sabia.

De um momento difícil, surgiu um novo projeto. Enquanto o mundo compartilhava as mesmas dificuldades, encontrei combustível para minha produção. Já não me passava pela cabeça continuar pintando aquelas paisagens que não significavam nada para mim, reproduções de fotos de algum lugar e usava cores predefinidas pelo mundo. Aquilo já não me trazia prazer. Eu precisava de um estímulo novo para voltar a produzir, pois sabia que, com o retorno das aulas, seria obrigado a enfrentar o pincel e a tinta novamente.

À medida que cogitavam o retorno das aulas, passou pela minha cabeça que eu teria que voltar a pintar. Significaria dar continuidade às minhas pinturas de paisagens, o que eu considerava totalmente fora de questão.

No ateliê 1, comecei a pensar no novo trabalho. Logo veio a ideia de retratar em minhas pinturas os acontecimentos vividos por mim durante a pandemia. Minhas intenções primordiais eram transmitir a sensação de confinamento, no entanto, senti muita dificuldade em transformar esse cenário em imagens de forma literal. Decidi, então, reproduzir essas ideias de maneira simples e figurativa, utilizando expressões que refletissem o confinamento, o medo do desconhecido, a impotência de não ter o que fazer, a angústia e a monotonia, por meio de figuras humanas.



Figura 9 – Óleo sobre tela - 98 cm x 75 cm - 2020/19



Figura 10 – Óleo sobre tela - 75 cm x 75 cm - 2020/19

Em um suporte de tecido americano cru esticado em um chassi e utilizando tinta a óleo, construí a imagem em etapas. O fundo sempre vinha primeiro, seguido pelas mãos, braços, rosto e assim seguindo o restante do corpo. Optei por deixar essas figuras com um aspecto anônimo e universal, sem definir o espaço físico em que elas se encontram e sem atribuir identidades específicas. As pinturas foram realizadas em tons escuros, onde os corpos humanos emergem dessa escuridão como as únicas formas sólidas. O fundo é representado por um breu, uma

atmosfera que não permite determinar a localização ou origem, fazendo uma alusão à infinitude e ao desconhecido.

Devido à minha dificuldade em lidar com uma ampla gama de cores simultaneamente, optei por uma paleta de cores reduzida. Inicialmente, foquei em ter um maior domínio sobre poucas cores e gradualmente introduzir mais tonalidades. Utilizei predominantemente o branco titânio e o gris de paine, resultando em figuras com uma tonalidade quase monocromática, diminuindo também a compreensão de raça e cor.

Os resultados foram duas pinturas: a primeira, com tons escuros, destaca-se as mãos, enquanto a figura humana emerge da escuridão com expressões faciais sutis, criando um ar de mistério. Na segunda pintura, mais iluminada e com um fundo que remete a uma névoa, a figura transmite uma sensação de desespero exagerado, embora não tenha me agradado tanto quanto a primeira. Ambas as pinturas retratam as figuras tocando uma superfície imaginária, sugerindo um bloqueio que restringe seu espaço, como se fosse o vidro de uma janela, enquanto o fundo deixa indefinida a extensão desse espaço.

Usei imagens da internet de pessoas em outro contexto e as adaptei para se encaixarem nos meus propósitos. Além disso, tirei fotos minhas para complementar alguns detalhes que eram mais difíceis de encontrar online, contornando a falta de modelo vivo devido a pandemia e o isolamento social.

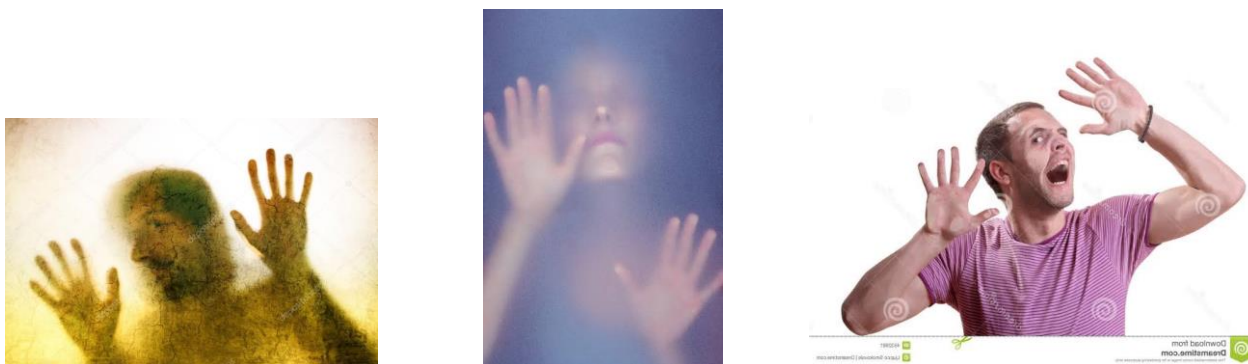


Figura 11 - Referencias para a pintura obtidas na internet.

Durante o ateliê 2, comecei a ter novas percepções sobre o meu trabalho. Percebi que ele

não se tratava apenas da pandemia, mas sim do confinamento em si. Refleti sobre como as pessoas não estavam apenas presas em suas casas, mas também aprisionadas nas telas, dentro do espaço limitado da pintura. As figuras humanas retratadas pareciam estar comprimidas dentro das quatro linhas imaginárias que separavam o mundo real do mundo da pintura. Essa descoberta trouxe uma nova camada de significado ao meu trabalho.

Eu estava insatisfeito com os recursos limitados que tinha, sentindo-me restrito às imagens disponíveis na internet. Nessa fase, a quarentena já estava sendo flexibilizada, então decidi fotografar minha namorada, que sempre reclamava de ficar parada na mesma posição por muito tempo, como referência para minhas pinturas. Com mais possibilidades de criar as cenas conforme eu as idealizava, pude planejar e visualizar minha pintura completa antes mesmo de pegar no pincel. Eu sabia exatamente o que fazer em cada centímetro quadrado da tela. O processo da minha pintura começou naquele momento da fotografia, onde pensei em todos os detalhes, como iluminação, posição, gestos, roupas e ângulos. Tive a liberdade de manipular diversos elementos, inclusive os gestos das mãos, como se estivessem tentando alcançar o outro lado de uma estrutura.

Dessa forma, a fotografia se tornou um ponto de partida crucial para minha criação, permitindo que eu explorasse cada aspecto da cena de maneira cuidadosa e planejada.



Figura 12 - Óleo sobre tela - 70 cm x 98 cm - 2020/2º

Nessa fase, foquei praticamente todos os meus esforços do semestre em um trabalho. Foi uma pintura muito lenta, onde tentei trabalhar minuciosamente os detalhes para chegar a um aspecto realista e semelhante à fotografia que havia tirado. Busquei criar uma atmosfera densa e sufocante, com a intenção de gerar uma sensação mais claustrofóbica e desconfortável. Para aumentar essa sensação, adicionei paredes para limitar ainda mais o espaço ao redor.

No ateliê 3, percebi a necessidade de enriquecer o conteúdo das minhas pinturas e evitar as repetições das figuras tocando a tela. Para isso, decidi incorporar elementos que fortalecessem a relação das figuras aprisionadas no suporte. Busquei inspiração nos Relevos Espaciais de Hélio Oiticica e introduzi elementos que convidavam o mundo a interagir com a imagem, promovendo uma maior conexão entre o suporte, a pintura e o fundo.

Em um dia qualquer, enquanto observava meu pai montar uma estrutura de madeira feita de tabuas de pinus, notei que ela se assemelhava às cercas presentes em filmes americanos, baixas e frágeis, utilizadas apenas para delimitar um espaço e obstruir um pouco a visão de quem tenta enxergar além delas. Vi nessas estruturas, uma possibilidade de utiliza-las como suporte para minhas pinturas, pois elas possuíam uma superfície boa para pintar e sua forma me remetia a uma espécie de obstáculo. Agora, o desafio era lidar com um suporte rígido feito de tábuas de pinus baratas e não muito bem tratadas, cheias de marcas e estrias. Cortei as tábuas em ripas de aproximadamente 10 centímetros, permitindo-me pintar figuras mais espremidas e sufocadas. Ao juntar essas ripas lado a lado, ganhei mais espaço para criar cenas maiores, ampliando minhas possibilidades.

Entre cada tábua, havia um espaço que representava o mundo real como um obstáculo para a pintura. Linhas preenchidas pelo mundo exterior e vagas de pintura. Os espaços entre as tabuas impedem a observação da imagem por completo. Embora possa parecer redundante, pois a pintura já está excluída do mundo ao estar em uma tela, para mim não era suficiente. Sentia a necessidade de reforçar a ideia de separação entre esses mundos.

Observar a pintura ficou mais difícil, os buracos que cortam a imagem irritam e incomodam, o mundo interfere na observação. Sempre que seu olhar encontra a imagem, logo em seguida o vazio das frestas te tira dela novamente, guiando-o para fora da pintura. Nessa ocasião, não precisei recorrer ao artifício de colocar a figura tocando a tela. A sensação de ter pouco espaço e estar preso

atrás de algo transmitia a ideia de confinamento. As intersecções dos buracos causam uma sensação de irritabilidade ao serem observadas, intensificando a angustia tanto na pintura quanto naqueles que a observam.



Figura 13 – Óleo sobre suporte rígido - 46 cm x 62 cm - 2021/1º



Figura 14 - Óleo sobre suporte rígido - 98 cm x 20 cm - 2021/1º

Nas últimas alterações dessa série, ocorridas no ateliê 4, abandonei a ideia de uma grade que obstruía a imagem e passei a pintar cada imagem em tábuas individuais. Agora vejo essas tabuas pintadas como buracos que abre passagem para um mundo imaginário, onde a única fresta que nos permite observa-las é a da pintura. É o único contato entre pintura e mundo. Nas pinturas, os personagens presos observam o mundo real com uma certa curiosidade, se espremendo e se esgueirando para observar o nosso mundo da mesma forma como nós os observamos.

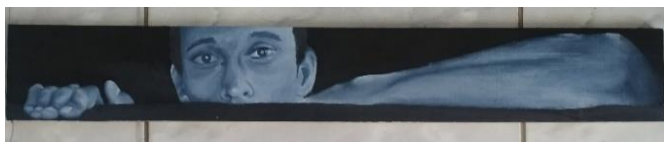


Figura 15 - Óleo sobre suporte rígido – 9,5 cm x 65 cm - 2021/2º



Figura 16 - Óleo sobre suporte rígido – 9,5 cm x 65 cm - 2021/2º

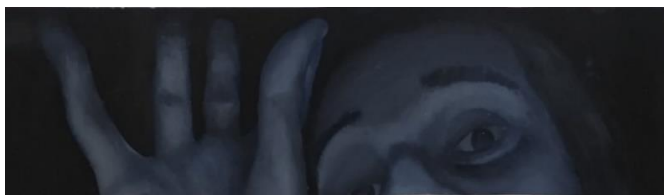


Figura 17 - Óleo sobre suporte rígido - 9 cm x 33 cm - 2021/2º

Após o último ateliê, minha vontade de pintar se perdia a cada dia que passava. Decidi então respirar novos ares e deixo a pintura tradicional de lado. Me matriculo nas aulas de Artes da Fibr, onde começo a me envolver mais com a fabricação de tintas. Os pigmentos muitas vezes feitos a partir de rochas que eram esmagadas, trituradas, decantadas e peneiradas. Era um trabalho árduo e demorado, utilizando materiais que não eram facilmente encontrados.

Meu trabalho da vez, volta a ter como influencia o Hélio Oiticica, em especial pelos Bolídes, recipientes do cotidiano cheios de cores. Resolvi então transformar materiais do dia a dia em pigmentos, tais como papel alumínio, madeira, palha de aço, cinzas e plantas. Esses materiais que não são originalmente destinados a serem utilizados como pigmentos, mas eu buscava trazer uma ideia de democratização da tinta, tornando-a mais acessível. Além disso, essa abordagem explora a ideia de metamorfose, transformando objetos do mundo em cores, tinta, e por sua vez, em uma ferramenta da arte e em arte. Transformando o objeto em tinta e a tinta em objeto. O processo é de destruição, desfigurando a matéria e transformando-a em pó. Esse pó, misturado a alguns ingredientes, se torna a tinta que poderá ser usada para criar novas imagens. Essas imagens, por sua vez, podendo retornar a ser o objeto destruído em formato de pintura, criando assim um ciclo de destruição e construção.



Figura 18 – Produção de pigmentos - 2023/1º

Nesse momento, encerrou-se o ciclo da minha pintura com pincel, agora me dedico a criar pinturas com cores, mas sem imagens, e sim pinturas com pigmentos. Esse curso me ensinou a importância de nunca parar, sempre continuar produzindo, criando e inventando. Ao longo dessa jornada, percebi a presença de diversos ciclos, desde a minha matrícula até o meu TCC, ciclos que envolviam desafios e mudanças, que se iniciavam e finalizavam. Pude vivenciar diferentes momentos nessa trajetória: momentos de descobertas, aprendizados, dificuldades, desafios, satisfação e, também, de insatisfação. A insatisfação, para mim, é o sentimento mais significativo, pois ela nos impulsiona a mudar e melhorar. Em todos os momentos em que me senti insatisfeito, fiz surgir algo novo. Sendo assim, me mantenho insatisfeito.